

Entre figurações e associações. As sociologias de Norbert Elias e Bruno Latour

Nathalia Urbano Canal

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de Campinas, R. Cora Coralina, s/n, 13083-896, Campinas, São Paulo, Brasil. E-mail: nurbanoc@yahoo.com

RESUMO. Este artigo apresenta ideias relacionadas com a definição de ‘realidade social’ e do ‘social’ desenvolvidas pelos cientistas sociais Norbert Elias e Bruno Latour. A exposição dessas ideias é guiada pelas seguintes perguntas: qual é a crítica que os autores fazem aos pressupostos sociológicos dos quais eles se afastam? Como entendem os autores a realidade social, a sociedade, o social? Qual é a discussão e a proposta que eles fazem sobre a tensão indivíduo – sociedade? Quais são as diferenças e similitudes entre as duas propostas? Com a resposta dessas questões se faz uma aproximação aos principais pressupostos teóricos da Sociologia das figurações de Elias e à Sociologia das associações de Latour, assim como se faz uma apresentação das contribuições que os autores trazem à sociologia contemporânea.

Palavras-chave: Teoria do Ator-Rede, realidade social, sociologia contemporânea.

ABSTRACT. Between figurations and associations. The sociologies of Norbert Elias and Bruno Latour. This article presents ideas relative to the definition of ‘social reality’ and ‘the social’ developed by the social scientists Norbert Elias and Bruno Latour. The presentation of these ideas is guided by the following questions: what is the criticism that the authors make to the sociological assumptions of which they move away?; How do they understand the social reality, society, the social?; What is the discussion and proposal that they do about the relationship individual - society?; What are the differences and similarities between the two proposals? With the response to these issues, this article makes a connection to the main theoretical suppositions of the Elias’s Sociology of figurations and to the Latour’s Sociology of associations, as well as makes a presentation of the contributions of the authors to the contemporary sociology.

Keywords: Actor-Network Theory, social reality, contemporary sociology.

Introdução

Transgredir, porém, os meus próprios limites me fascinou de repente. E foi quando pensei em escrever sobre a realidade, já que essa me ultrapassa. Qualquer que seja o que quer dizer ‘realidade’ (Clarice Lispector, *A Hora da Estrela*).

O tema deste artigo faz parte de um eixo central das discussões das ciências sociais: a constituição do social como seu objeto. Meu propósito é apresentar os pressupostos de dois cientistas sociais que, em torno da mesma pergunta (que é uma sociedade?), desenvolveram duas propostas teórico-metodológicas, que se tratam de perspectivas inovadoras sobre a abordagem da realidade social se as compararmos com as teorias que tradicionalmente têm tido mais relevância e destaque no processo de desenvolvimento e consolidação das ciências sociais.

Estes cientistas sociais são Norbert Elias e Bruno Latour. O primeiro, de família judaica, nascido na Alemanha nos últimos anos do século XIX e falecido em 1990, foi um sociólogo por muito tempo

esquecido pelos cientistas sociais. Os resultados de seu principal estudo, feito sobre o tema das emoções humanas e seu processo de transformação, levaram-lhe a propor uma perspectiva de leitura da sociedade e do social que se conhece como ‘sociologia processual’ ou ‘sociologia das figurações’.

Esta proposta de Elias está baseada em estudos empíricos e se constrói percorrendo um caminho que inclui a crítica às abordagens tradicionais do social (feitas principalmente pela sociologia desde seu início como ciência até meados do século XX), assim como a reflexão sobre três tensões fundamentais que podem se considerar os eixos das discussões teóricas e metodológicas nas ciências sociais: indivíduo – sociedade, sujeito – objeto e natureza – cultura.

Com críticas e temas similares de reflexão, Bruno Latour se afasta das concepções tradicionais do social e apresenta uma perspectiva sociológica denominada por ele mesmo como ‘sociologia das associações’. Este antropólogo nascido na França, em 1947, problematiza o termo do social pelo

desenvolvimento de um projeto que se assemelha, segundo ele, ao trabalho de uma formiga escrevendo para outras formigas, e que faz baseado na Teoria do Ator-Rede (TAR). Sua proposta apresenta uma reflexão sobre a conformação e estudo da sociedade e sobre a ação, que faz dela uma provocação aos postulados da sociologia que até finais do século XX consideraram a dimensão social como a chave da explicação de qualquer situação dada.

Latour que compartilha com Elias o fato de sua proposta ter sido pouco reconhecida e aceita no começo de seu trabalho como cientista social (embora isto fosse mais crítico para o judeu), também aborda uma crítica dos dualismos a partir dos quais as ciências sociais definiram seu objeto, principalmente os de natureza – sociedade e humano – não-humano.

O propósito deste artigo é então apresentar as propostas destes dois autores, tentando dar resposta às seguintes perguntas:

- Quais são as perguntas a partir das quais constroem suas teorias?
- Qual é a crítica que eles fazem aos pressupostos sociológicos dos quais eles se afastam?
- Como entendem a realidade social, a sociedade e o social?
- Qual é a discussão e a proposta que fazem sobre a tensão indivíduo – sociedade?
- Quais são as diferenças e similitudes entre as duas propostas?

As perguntas dos autores

Quase sempre os caminhos, quaisquer que eles sejam, iniciam-se com uma ou várias perguntas. No caso da construção de uma proposta teórica acontece do mesmo jeito. Tanto Elias quanto Latour dão vida passo a passo às suas teorias a partir de perguntas que não são diferentes daquelas que já responderam os sociólogos dos séculos XIX, mas que são abordadas de outra forma.

Elias teve várias experiências na sua vida que lhe fizeram pensar sobre o social. Seus interesses intelectuais começaram quando percebeu, como ele mesmo afirma, que o que a tradição sociológica dizia sobre o social não se tratava mais de um conhecimento ‘real’ sobre a sociedade. Ele começou então suas indagações sociológicas com perguntas como ‘Qual é a realidade do mundo humano?’ ‘Qual o conhecimento mais realista?’.

Essa preocupação pelo conhecimento real e pela realidade mesma foi refletida no trabalho que ele fez sobre a mudança das emoções humanas e que deu como resultado seu trabalho empírico e teórico mais importante: *O processo civilizador*. Neste estudo, as

perguntas de Elias estão relacionadas com os processos de longa duração que permitem perceber como e por que mudaram a emotividade e o comportamento das experiências dos seres humanos, a regulação das emoções individuais e as estruturas de todas as manifestações humanas (ELIAS, 1997).

Mas o tema das emoções humanas não foi o único tema sobre o qual Elias fez suas perguntas. De fato, o que ele encontrou a partir deste tema facilitou a formulação de outras que desenvolveu em outros livros e que foram fundamentais para moldar sua proposta teórica.

Por ser a sociedade o tema da sociologia, Elias não podia deixar de formular a pergunta ‘de que estamos falando quando falamos de sociedade?’ Mas como segundo ele não era possível dar conta da sociedade sem dar conta dos indivíduos, a pergunta se tornou mais ampla: ‘qual é a relação entre indivíduo e sociedade?’ E daí: ‘como a reunião de muitos indivíduos forma algo (distinto) que não é a soma das partes?’.

Tanto para Elias quanto para Latour, as separações e as dicotomias que caracterizaram a tradição sociológica, foram temas de seus interesses. A provocação que Bruno Latour fez e continua fazendo sobre esta questão é resultado das experiências que ele teve a partir do momento que decidiu se introduzir no mundo da ciência. Os estudos sociais da ciência, espaço de conhecimento onde ele mesmo se coloca, é o lugar a partir do qual Latour repensa as dicotomias que herdou a sociologia do projeto moderno e que fizeram com que nós, os sujeitos modernos, perdêssemos o caminho. A verdade moderna, segundo Latour, colocou no centro dos planos a serem desenvolvidos ao sujeito (o eu transcendental kantiano, o ego despótico) e à sociedade (o grupo de pessoas em convivência). Mas para ele, o projeto moderno não só os colocou como protagonistas da obra de teatro; também os concebeu como entidades separadas e cindidas. Assim, as dicotomias sujeito-objeto e natureza-sociedade são para Latour próprias desse roteiro moderno.

Em sua aproximação à ciência, Latour começa com algumas perguntas iniciais: ‘como é a vida num laboratório? Como ocorre a produção de fatos científicos?’. Poucos podiam ter uma ideia completa sobre como seria responder essas perguntas a partir da antropologia, mas Latour as respondeu mergulhando nos laboratórios, fazendo uma etnografia com os cientistas e seus aparelhos e devolveu por meio das suas respostas a humanidade à ciência e aos científicos. Aliás, essa viagem no fundo desse mar que é a ciência lhe permitiu continuar fazendo perguntas que, embora tivessem

sua origem no estudo sobre ela, ficaram além dela e abrangeram temas como o social, o humano e o não-humano, perguntas cujas respostas revelaram, segundo Latour, a necessidade que temos de nos abirmos a outra verdade, a uma verdade não-moderna.

‘Jamais fomos modernos’ é a resposta de Latour para algumas das perguntas sobre a modernidade e também o título de um dos seus livros, escrito depois de ‘A vida de laboratório. A produção dos fatos científicos’ e ‘A ciência em ação. Como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora’. A verdade moderna teve na separação do sujeito com o objeto e da natureza com a sociedade o substrato para percorrer o caminho do ‘conhecimento’, ‘descobrimento’ e ‘controle’ da realidade. Mas ‘como surgiram estas ideias e esta obsessão por separar?’. Para Latour, como apresentarei a seguir, tais divisões não existem (jamais existiram) e na medida em que foram o chão sobre o qual se construiu o prédio da modernidade, a ideia que somos modernos fica segundo Latour sem argumento.

Mas ‘o que é’ aquilo que se pretende conhecer, descobrir e controlar? ‘O que é a realidade? Existe a realidade?’ No livro ‘A esperança de Pandora’, cujo início tem estas perguntas, Latour assinala que a resposta que ofereceu a verdade moderna fez com que os seres humanos errassem no caminho ao acreditar que existia algo ali fora, um objeto silenciado, pronto para ser conhecido, mas não para ser ele escutado, acolhido (MARONI, 2008). Foi com esta ideia, e com as outras ideias do pacto moderno que se baseiam na obsessão pela separação (e na obsessão pela ordem e pela eliminação da ambivalência, acrescentaria Bauman (1999)), que o sujeito moderno começou a ‘conhecer a realidade’, com uma curiosidade similar à de Pandora e com as mesmas consequências: a porta foi aberta e os males saíram. Porém, como aconteceu com a Esperança que ficou na caixa de Pandora, para Latour a recuperação de nossa Esperança ainda pode ser feita com um novo pacto, com uma nova verdade.

Neste conjunto de perguntas, a partir das quais Latour desenvolve seu pensamento, ainda há um espaço vazio. É o espaço da pergunta pela sociedade (‘o que é uma sociedade? O que significa a palavra ‘social?’), esse ‘objeto do conhecimento’ da ‘ciência do social’ que é a sociologia. Para Latour, nem a sociedade nem a ciência têm se mantido estáveis, daí a necessidade de repensar o social e a sociologia, daí sua proposta de ‘re-ensamblar’ o social.

Até aqui apresentei algumas das perguntas que levaram Elias e Latour a abrirem novas perspectivas de análise e acolhimento do social e do humano. Mas se estas são perguntas que já fizeram outros

sociólogos e pesquisadores do social, o que os diferenciam destes? Tentarei dar conta disto nos próximos trechos apresentando primeiro os pressupostos da tradição sociológica que tanto Elias quanto Latour consideram problemáticos e depois a sociologia alternativa que eles propõem: a nova abordagem das ‘figurações’, para o caso de Elias, e das ‘associações’, para o caso de Latour.

O afastamento dos autores da tradição sociológica

Tentarei apresentar agora as leituras que nossos dois autores fizeram dos pressupostos que a sociologia construiu e dos quais eles se afastaram.

Na tradição sociológica são comuns as discussões sobre as estruturas sociais e as estruturas individuais. Há teorias que explicam a conformação da sociedade e há outras que tentam dar conta das estruturas psíquicas. O problema que Elias encontra nestas teorias é a separação que se estabelece entre sociedade e indivíduo. Aquelas que explicam a conformação da sociedade tratam dela como produto da reflexão racional e do planejamento dos indivíduos ou como entidade orgânica e supraindividual que tem uma ordem natural e é movimentada por forças anônimas e externas ao indivíduo. Por sua vez, as que explicam as estruturas psíquicas o fazem considerando o indivíduo como algo isolado que tem estruturas psíquicas que prescindem das relações sociais, ou considerando uma psicologia social de massas na qual não têm lugar as funções psíquicas. De qualquer forma, todas elas, segundo Elias, tentam se aproximar com um conhecimento não real à realidade ao considerar que o indivíduo e a sociedade são entidades separadas.

A Figura que melhor pode representar esta cisão é aquela que apresenta um Eu individual (Figura 1) rodeado de figuras sociais concebidas conceitualmente como se fossem figuras externas e alheias a esse Eu (ELIAS, 1999):

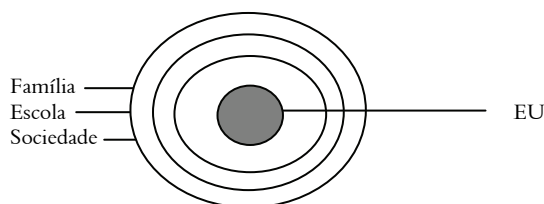


Figura 1. A cisão entre o indivíduo e a sociedade.

Esta concepção do indivíduo e da sociedade é resultado em parte da desumanização e coisificação das figuras sociais que Elias denomina de ‘metafísica das figuras sociais’, na qual é conferida a elas uma existência fora dos indivíduos que as constituem.

Segundo Elias, o indivíduo separado do mundo traz a imagem de um Eu fechado que, como uma caixa ou como uma substância, contém aspectos próprios e até inatos com existência independente dos relacionamentos. Concebe-se assim o indivíduo como um *homo clausus* cuja psique e cuja personalidade estão fechadas e separadas das figuras sociais. Além disso, para Elias esta perspectiva tradicional apresenta uma ideia de um indivíduo adulto, sem relações com ninguém, centrado em si mesmo, completamente sozinho que, aliás, nunca foi criança, o que traz segundo ele outro problema: a noção de indivíduo como situação (estático) e não como processo (dinâmico).

Para Elias, o indivíduo foi pensado assim por sociólogos como Weber, Durkheim e Parsons. Weber, por exemplo, desenvolveu a ideia de um 'indivíduo absoluto' como realidade e de uma sociedade como um conjunto de ações individuais desordenadas que não lhe permitiu dar solução intelectual ao problema da relação do indivíduo com a sociedade. Durkheim defendeu a existência de fenômenos sociais separados da consciência individual que deviam ser estudados como coisas e como objetos externos aos sujeitos. Parsons¹, por sua vez, desenvolveu uma concepção de indivíduo e de sistema social baseado nas separações e nas dicotomias. Quando Parsons fazia referência à personalidade do indivíduo estava se referindo a um tipo de caixa preta, fechada (*black box*) onde acontecem uma série de fenômenos individuais que não podem ser objeto de pesquisa científica. Por outra parte, quando se referia à sociedade, assinalava que mesmo sendo as sociedades diferentes entre si, em todas existe um conjunto de aspectos permanentes.

Elias assinala que num sentido teórico, para Parsons, a estrutura social e a personalidade eram aspectos distintos de um sistema fundamental único de ação e que o Ego e o sistema eram dois dados que existem com independência um de outro e que estão num estado de permanente estabilidade e imutabilidade. Parsons teve como início de sua teoria a hipótese que, no seu estado normal, a sociedade encontra-se numa situação de equilíbrio invariável que somente pode ser alterado pela alteração das obrigações reguladas socialmente. Assim, para ele a mudança numa sociedade vem de fora e se trata de uma transição, mas não de uma característica principal das sociedades. É neste sentido que Elias assinala que Parsons considerou a sociedade e os indivíduos como 'situações' e não

como processos que mudam e estão em movimentação constante, o que por sua vez fez que na sua teoria, a definição da sociedade ficasse como o que Parsons entendeu que ela 'deveria ser' e não como na verdade ela 'é'.

Diante disto, Elias considera que um dos primeiros passos para compreender a sociedade e o indivíduo é fazer um abandono da concepção de um 'dever ser'. Abandonar esta ideia implica entender que a convivência humana não é harmônica e tem conflitos.

Embora na teoria de Parsons o pressuposto da quietude como característica inerente à sociedade foi um dos seus eixos fundamentais, para Elias este pressuposto não sempre foi o substrato das teorias sociológicas. Segundo Elias, antes da teoria de Parsons se constituir na teoria dominante durante parte do século XX, sociólogos do século XIX desenvolveram nos seus trabalhos a ideia de mudança e de movimentação como algo próprio de toda sociedade. Comte, Spencer e Marx são alguns deles. As teorias que estes autores desenvolveram tinham como interesse os processos sociais, daí que Elias considerasse estes cientistas como os sociólogos do processo. As transformações, a mudança social, o longo prazo, a evolução social são algumas das preocupações que estão na base das teorias deles.

Diante este desenvolvimento da ciência sociológica que passou da orientação pautada no tema das mudanças na sociedade (a sociologia dos processos do século XIX), para a percepção da sociedade como uma situação em estado de quietude e harmonia (a sociologia das situações de Parsons no século XX), Elias se identifica com seus colegas do século XIX, mas mesmo assim, considera que nos pressupostos deles se apresentaram alguns problemas. A principal dificuldade que encontra Elias nessas teorias sociológicas está relacionada principalmente com a noção de evolução que apresentam e com a ausência de um distanciamento.

Os comportamentos, assim como as formas como os seres humanos falam e pensam, oscilam, segundo Elias, entre o distanciamento e o compromisso. Uma das atividades humanas que se considera mais distanciada é o fazer e o conhecer científico, pois é de pensar que nela a proporção de compromisso é mínima. Mas, Elias considera que o distanciamento é maior no caso das ciências naturais do que nas ciências sociais. Nestas últimas, o que tem acontecido é que diante das transformações nas relações humanas, muitos dos sociólogos do processo não conseguiram se afastar e contemplar calmos, como observadores distanciados, os acontecimentos sociais.

¹Até a segunda metade do século XX, a teoria de Parsons foi a mais aceita e reconhecida. Foi principalmente com os pressupostos teóricos deste sociólogo americano que Elias estabeleceu um diálogo para a construção de sua teoria.

O pano de fundo da sociologia dos processos foi a industrialização. Neste período, caracterizado pela imposição das crenças, os ideais e os objetivos em longo prazo das classes industriais, algumas das primeiras teorias sociológicas, como a de Comte, terminaram por exprimir essas mesmas ideias de esperança num futuro, sob o suposto de uma evolução social lineal que inevitavelmente levaria à realização de uma sociedade melhor. Embora Marx não se identificasse com a classe industrial, ao fazê-lo com a classe operária, adaptou não somente seus ideais, mas também desenvolveu uma noção de evolução social que punha a confiança no ideário de um futuro melhor, desta vez tendo como protagonistas não os industriais, mas os operários.

O pressuposto de processo social como evolução lineal orientada a um melhor futuro da sociedade desenvolvida por estes autores aconteceu, segundo Elias, pela ausência do distanciamento diante o seu contexto social e seus ideais próprios. Tanto Comte quanto Marx construíram suas teorias e uma noção de evolução de acordo com seus interesses e desejos e baseados em anseios, mas não em realidades. Elias afirma que as paixões e ideologias estiveram presentes nas suas teorias e que desta forma o conhecimento que produziram sobre a realidade social tratava de umas perspectivas comprometidas resultado do envolvimento e do compromisso com os problemas de sua própria sociedade (ELIAS, 1990).

Até aqui a exposição dos pensamentos, os pressupostos e os autores dos quais Elias se afastou. Agora retomemos Latour.

Segundo este autor, os problemas dos pressupostos sociológicos começam pelo significado da palavra sociologia. A sociologia traduzida tanto do latim quanto do grego significa ciência 'do social'. Mas para ele esta definição hoje é problemática, na medida em que tanto a ciência quanto a sociedade são instáveis e têm se transformado. O tema que marca a diferencia entre a proposta de Latour e as de outros sociólogos clássicos e contemporâneos é precisamente a definição do social. Ele considera que os problemas com o social começaram a aparecer quando foi utilizado como adjetivo ou qualificativo, como um tipo de material ou um tipo específico de ingrediente. 'Esses aspectos são de caráter social', 'aqueles fatores pertencem à sociedade', podem ser alguns exemplos desse uso.

O social entendido como adjetivo foi a resposta que o enfoque tradicional da sociologia deu para diferentes perguntas como o que é sociedade? Como pode se demonstrar a presença de 'fatores sociais'? Neste enfoque, o social é considerado um qualificativo na medida em que é aceita a ideia da

existência de uma 'sociedade', de uma 'ordem social', de uma 'dimensão social' ou de uma 'estrutura social', diferente e separada de outros fenômenos como os econômicos, os biológicos, os psicológicos etc.

Segundo Latour, uma das considerações que leva em conta esta definição do social é que há um 'contexto' social onde acontecem as atividades sociais que é um domínio próprio da realidade e que pode explicar as causas de vários aspectos (econômicos, psicológicos, legais, por exemplo). É assim como o social termina se considerando como presença oculta de forças sociais específicas que está detrás de toda atividade.

Considerado então como adjetivo e como qualificativo, no enfoque sociológico tradicional, ou na 'sociologia do social' como a nomeou Latour, o social só pode ser explicado pelo social e tem fatos que só podem ser entendidos como sociais.

Há outra ideia que desenvolve este tipo de concepção do social. Trata-se daquela que considera que o social está feito principalmente de vínculos sociais em que os únicos atores são os humanos. Nesta perspectiva, os não-humanos são só portadores de projeções simbólicas, mas nunca atores. Assim, na sociologia do social, falar do social é falar dos humanos e se nesta fala os não-humanos aparecem é só para explicar como é que os humanos se relacionam com eles simbolicamente ou como é que os humanos os dominam ou são dominados por eles.

A sociologia do social também tem outra consideração sobre o tema da objetividade, da qual vai se afastar Latour. Nesta perspectiva, além de considerar que a sociologia pode obter resultados como a mesma objetividade com a que os conseguem os cientistas naturais, os atores por estarem dentro de um contexto social que os transborda, só podem ser considerados como informantes, pois não conseguem dar conta do seu mundo, do qual somente o sociólogo pode falar como objetividade e de maneira razoável; é ele, e somente ele, quem sabe como é o mundo dos atores e faz isso impondo ordem e categorias antes de lhes escutar. A importância e a forma como na TAR é considerado o ator é o que define o afastamento de Latour em relação com outras teorias, principalmente com o estruturalismo. O que tipo de ação realiza quem ocupa um lugar numa explicação estruturalista? Pergunta-se Latour:

No meu vocabulário, um ator que não incide não é um ator em absoluto. Um ator, se é que as palavras significam algo, é exatamente o que não é substituível. É um evento único, totalmente irreduzível ao qualquer outro [...] no estruturalismo

nada se transforma, somente se combina [...] se quero ter atores no meu relatório eles têm que fazer coisas, não ser os que ocupam um lugar (LATOIR, 2008, p. 220-221, tradução nossa).

É simples: a pergunta o que se pode fazer com a TAR? Tem como resposta: nenhuma explicação estruturalista (LATOIR, 2008).

Neste sentido, a proposta de Latour, apoiada na TAR, é um método para seguir os atores pelas redes, dos fluxos e das circulações nas quais se transportam e descrevê-los nos seus enredos.

Como falar da sociedade, do indivíduo e do social?

Elias, na sua proposta teórica, desenvolve principalmente duas ideias que são as que vamos apresentar agora. A primeira é que não há separação entre indivíduo e sociedade. A segunda é que tanto o indivíduo, quanto a sociedade, são ‘processos’ cuja principal característica é a mudança.

Por um lado, segundo Elias, as estruturas sociais são redes de interdependência e em quanto tais não são nem estáticas nem fechadas; por outro, o ser humano está em constante movimento, pois ele mesmo é um processo. Ao contrário da figura de um Eu rodeado de figuras sociais, Elias propõe uma figura que tem mais a ver com uma cadeia de interconexões entre os indivíduos. Nesta concepção, o Eu, cada indivíduo, é uma unidade semiautônoma que depende reciprocamente das outras e que nessa interdependência se vincula com os outros como aliado e como adversário. Isto é o que sintetiza o conceito de ‘figuração’ de Elias.

Neste sentido, a estrutura é um tecido de relações e de tensões que não é criado por indivíduos particulares, mas pelas ‘figurações’ entre eles. Essas ‘figurações’ são relações de tipo funcional que fazem da sociedade uma rede de funções interdependentes que são mantidas e formadas em sua relação com as outras. Neste sentido, analisar uma ‘figuração’ é analisar as cadeias de interdependência que se geram entre indivíduos e das quais fazem parte os conflitos e as tensões.

A vinculação é para Elias um dos aspectos fundamentais de todas as ‘figurações’ sociais. Um indivíduo está integrado com outros pelas ‘figurações’, no sentido que se determina a si mesmo no marco das relações como esses outros. Elias usa a imagem de um jogo de futebol para explicar o conceito de ‘figuração’. Num jogo de futebol, tem duas equipes que são adversárias e interdependentes. O jogo e as ações das duas equipes somente podem ser entendidas seguindo a vinculação entre eles, fazendo um seguimento às mudanças de posições entre os jogadores na sua mútua dependência e às

inclinações do poder que estão em constante movimentação, ou seja, seguindo a ‘figuração’ que se constitui na sua inter-relação (ELIAS, 1999). O jogo em si mesmo é uma ‘figuração’, uma rede de relações funcionais que além das alianças contém tensões e conflitos, duas características fundamentais de toda ‘figuração’, segundo Elias.

A ‘figuração’ como conceito é para Elias uma expressão da realidade, uma síntese de um processo de apropriação da realidade social (PÉREZ, 1998), ou seja, a ‘figuração’ é a apropriação num conceito do tecido dos vínculos entre seres humanos que é a realidade social mesma. A ‘figuração’ é um instrumento conceitual que permite flexibilizar a pressão social que obriga as pessoas e os sociólogos a falarem e pensarem como se indivíduo e sociedade fossem além de diferentes, antagônicos (PÉREZ, 1998). É então assim como Elias articula com este conceito sua proposta sociológica, pois na ‘figuração’ aparece simultaneamente tanto a sociedade quanto o indivíduo (PÉREZ, 1998).

Esta rede de interdependência que apropria a ‘figuração’ não é entendida por Elias como uma ‘situação’, porque ela não é rígida nem estática. Trata-se de um tecido que muda e se movimenta como consequência não da influência de fatores externos a ela (porque não existem tais), mas como resultado de tensões e conflitos pelo poder entre grupos ou indivíduos com funções diferentes na rede. Na medida em que não tem fatores que ficam fora dela, também não há leis externas a ela. Porém, a rede de interdependência tem leis, mas essas leis são próprias das relações dos seres humanos e não estão além do indivíduo.

Para Elias, a concepção de uma estrutura como relações que não estão fora do indivíduo pode se entender (e deve se comprometer) com um uso dos pronomes pessoais diferente ao que tradicionalmente tem feito a teoria sociológica. O uso comum, por exemplo, do pronome Eu, como o conceito de Ego de Freud ou Parsons (lembramos a figura), se faz considerando-o como uma espécie de conceito-coisa que, isolado e independente (*homo clausus*) de outras posições, se contrapõe com os ‘outros’ que são externos ao Eu (Você, Ele, Ela, Eles, Nós). Segundo Elias, se levássemos em conta a característica da interdependência que a rede de relações tem, é impossível imaginar ou pensar um Eu sem um Você, sem um Ele, sem um Ela, sem um Eles ou sem um Nós, porque o Eu só é possível em conexão com as outras posições representadas pelos outros pronomes. Em outras palavras, o Eu só pode ser entendido em sua relação ‘com’ ‘outros’ e em sua dependência *dos* ‘outros’, não mais como *homo clausus*

e sim como *homo aperti*. De fato, para Elias, os pronomes pessoais são a expressão mais básica da vinculação fundamental de todo homem com os demais, da sociabilidade fundamental de todo indivíduo.

Neste sentido, é na ‘figuração’ e por ela que pode se entender o indivíduo. Elias afirma que o ser humano tem uma predisposição natural a conviver com outras pessoas, daí que sua natureza só possa se desenvolver no relacionamento como os outros. O ser humano, quando criança, é formado em companhia dos adultos e seu processo de individualização (ou seja, a estruturação de suas características singulares e a diferenciação de suas funções psíquicas) só é possível porque o ser humano cresce em sociedade. Por isso, as estruturas psíquicas dependem das estruturas sociais e as mudanças, sejam nas primeiras, sejam nas segundas, não se explicam pela transformação ‘interior’ dos seres humanos singulares nem têm sua origem na natureza humana, porque só acontecem na estrutura da convivência de muitas pessoas.

A transformação permanente do indivíduo é outra característica importante para Elias. O indivíduo para ele está em formação e mudança constantes, o que significa que assim como a sociedade, ele não é uma ‘situação’, nem algo estático, nem algo terminado; ele é um processo.

A psique do ser humano, segundo ele, é o órgão que tem a função de estar orientada constantemente a outras pessoas e, por isso, é o órgão que serve à relação do indivíduo como os outros. A psique do ser humano se diferencia à dos animais porque é maleável e precisa dos outros para se desenvolver, por isto o ser humano é para Elias absolutamente dependente.

O tema da dependência é o que leva Elias entender a sociedade como uma cadeia formada por indivíduos como se eles estivessem atados pelos pés e pelas mãos, uns com outros. Este enorme tecido humano, segundo Elias, tem a característica de ser rígido, mas flexível ao mesmo tempo. Embora ele ofereça espaços e oportunidades para a determinação individual, as possibilidades de eleição individual estão dadas e limitadas por essa estrutura social que é a rede de indivíduos interdependentes. Assim, as eleições e decisões dos indivíduos só podem produzir ações posteriores se elas se entrecem com outras. Disto, poucos seres humanos são conscientes, segundo Elias. O fato de pensar que somos seres humanos autônomos e que a satisfação dos nossos desejos e o sucesso de nossas ações depende só de nós, de nossa vontade ou de nossas capacidades, é próprio de um olhar não ‘distanciado’ da sociedade e do contexto onde nos encontramos.

Quando o olhar é distanciado, somos conscientes do escasso poder que temos como indivíduos sobre a linha dos movimentos da estrutura social e podemos discernir com mais facilidade a possibilidade de realização de um sonho ou de um desejo próprio. Quando o olhar não é distanciado chega a frustração, os anseios não se satisfazem e nosso destino pode ser trágico². Daí que para Elias a história tenha sido até nossos dias um cemitério de sonhos humanos.

Assim como Elias propõe outra sociologia (a sociologia das figurações), Latour também propõe uma mudança na teoria e sai da tradicional sociologia do social para chegar à sociologia das ‘associações’. A ausente nesta nova perspectiva é a ideia de uma ordem social, de uma dimensão social ou de um contexto social entendidos como forças sociais a partir das quais possam se explicar outras dimensões. Neste sentido, a sociedade para Latour não é mais aquele contexto onde acontece e se enquadra tudo. A sociedade é somente um elemento de conexão dos muitos que existem e o qual pode ser explicado pelas ‘associações’ (feitas principalmente de vínculos que são ‘não sociais’) fornecidas pelas outras dimensões como a economia, a linguística, a psicologia, a biologia etc. Por esta razão, a sociedade é entendida como algo construído, sim, mas não como algo ‘socialmente’ construído. Neste sentido, a sociologia deve chegar com sua explicação às ‘associações’, aos agregados sociais e não partir deles para explicar o resto de dimensões. Assim, ela deixa de ser uma ciência do social e passa a ser um rastreio das *associações* que entende o social já não como um domínio específico ou um tipo de coisa particular, se não como um movimento de reassociação e ‘re-ensablado’.

Esta sociologia das associações que propõe Latour, como já foi assinalado, faz parte de um subcampo da teoria social que se conhece como a Teoria do Ator-Rede – TAR.

Esta teoria, segundo o mesmo Latour, é acerca de como estudar as coisas, mas não se trata de um marco ou de um referente conceitual para ser aplicado ao estudo da realidade. Trata-se de uma teoria (e também de um método) cujo princípio é

² Para aprofundar na reflexão que faz Elias sobre este tema ver sua obra “Mozart. Sociologia de um gênio”. Nesta biografia, a teoria de Elias é o marco a partir do qual se narra a vida do músico, fazendo ênfase na concepção da sociedade não como algo externo aos indivíduos, mas como uma *figuração*, como uma rede feita pelas cadeias de interdependência entre eles. Trata-se de uma explicação da vida de Mozart a partir da teoria do sociólogo, pois por um lado, as experiências, os fatos e as ações que configuraram a vida do músico se explicam pela interdependência com os outros, por estar dirigidas aos outros e por estar dentro de um contexto social. E por outro, porque explica como a ausência de distanciamento incidiu no desenlace da vida de Mozart, pois segundo Elias pelo fato do músico não conseguir entender a sociedade da sua época e seu lugar nessa rede, não conseguiu realizar seus sonhos e daí a tragédia de sua morte, na frustração e no isolamento.

dar aos atores um espaço para se exprimir e para que sejam eles mesmos os autores das teorias, dos conceitos, das categorias e dos marcos. Neste sentido, seu propósito não é explicar, mas descrever o que os atores fazem para expandir, relacionar, comparar e organizar.

Uma das características da TAR é o papel que é concedido aos não-humanos como atores e não somente como objetos de projeções simbólicas dos humanos.

Os pressupostos da sociologia tradicional sobre o que é o social fizeram das capacidades sociais básicas um conjunto de habilidades próprias dos seres humanos e atribuíram aos 'vínculos sociais' propriedades de durabilidade que eles não têm, segundo Latour.

Sim, pode haver vínculos duradouros, mas isto não é uma prova de que estão feitos de matéria social, antes o contrário [...]. Se pensamos as capacidades sociais básicas, é fácil compreender que as conexões que estas são capazes de tecer são sempre muito fracas para sustentar o tipo de peso que os teóricos sociais quiseram atribuir à sua definição do social (LATOUR, 2008, p. 98-99, tradução nossa).

O perigo de supor que são os vínculos sociais a única matéria da que está feito o mundo é terminar acreditando que eles se estendem no espaço e no tempo, que são as forças sociais as que explicam tudo o que acontece nesse mundo e que é a sociedade a que proporciona a durabilidade, a solidez e a inércia a esse mundo, pois ela mesma é durável, sólida e movimentada pela inércia.

Aquilo que da alguma durabilidade ao nosso mundo são coisas. Esse é o argumento de Latour. O propósito dele com isto é chamar a atenção sobre a necessidade de dar um espaço nas explicações do mundo aos vínculos e os meios que são não-sociais e incluir nessas explicações entidades que sempre foram excluídas. Eis a diferença mais evidente entre a sociologia do social e a sociologia das associações.

O que assinala a TAR é que os não humanos são atores de pleno direito e que, portanto a ação não pode ser considerada mais como uma propriedade exclusiva das pessoas e sim como uma associação ou uma composição entre as múltiplas entidades que ocupam o mundo. A ação é uma propriedade de entidades associadas cujo desenvolvimento e controle não dependem do primeiro ator, pois são aqueles que compõem com esse ator o acontecimento do seu ato, os que lhe permitem ser um agente. Desse modo, a ação fica superada por aquilo que age para realizá-la.

Neste sentido, o que faz a sociologia das associações é aceitar como atores autênticos

entidades que foram excluídas da existência coletiva por conta das explicações sociais, explicações que se caracterizaram por considerar como atores unicamente os humanos.

O que é então um ator? Nesta proposta de Latour, um ator é qualquer coisa que modifica com sua incidência um estado de coisas. Um ator é todo participante no processo da ação, ou seja, todas as entidades, humanas e não-humanas, que incidem e deixam rastro na ação com sua participação. Um ator não é a fonte de uma ação é o alvo não-estático de muitas e diferentes agências que convergem nele.

Esta noção de ator, que abre espaço para tirar do cantinho no qual estavam esquecidos e ignorados os objetos como participantes da ação, contrapõe-se à forma como tradicionalmente na 'sociologia do social' os objetos têm sido considerados: como uma estrutura material que determina o social (o caso do marxistas materialistas), como meros reflexos da distinções sociais (o caso de Bourdieu) ou como o pano de fundo do cenário em que os atores – humanos-agem (o caso de Goffman).

Se os não-humanos são concebidos como atores, surge uma pergunta: quem é então o responsável da ação? Para responder esta questão, Latour se ajuda dos conceitos de intermediação e mediação. Tratar de intermediários e mediadores é tratar não somente daquilo que está atuando (o que age?), mas também da forma como faz sentir seu efeito (como age?). Uma mediação implica a associação entre entidades e ao contrário da intermediação (que só transporta o significado sem transformar), apresenta tradução, composição, mudança. No espaço que fica entre a entrada e a saída de um intermediário numa ação, não há variação nem mudança, só é necessário identificar os dados de entrada para saber qual é a saída. Pelo contrário, a imprevisibilidade caracteriza a mediação. Entre a entrada e a saída de um mediador numa ação, muitas mudanças podem acontecer, muitos estranhos podem aparecer e é nessa aparição que pode se identificar quem age.

A mediação é chave também para entender a dupla sujeito-objeto. Latour afirma que tradicionalmente se cometeu o erro de partir de 'essências', bem do sujeito, bem do objeto. Nem o primeiro nem o segundo, nem também não seus propósitos, são algo estático para ele. Na relação entre os dois opera uma mediação e nela o que acontece é a tradução dos propósitos de cada um, ou seja, a criação de algo novo, um laço que não existia antes e que modifica ao sujeito e ao objeto que estavam antes da mediação.

É por esta inclusão dos não-humanos no mundo do social que Latour afirma que os humanos não

estão mais sozinhos e que hoje, mais do que no passado, há um número crescente de humanos que se entretém com um número crescente de não-humanos, uma mudança que está criando novas associações. Daí que seja necessária uma nova perspectiva do social.

A inclusão dos objetos como atores na proposta de Latour implica um abandono do conceito de sociedade e da introdução de outro que pretende ser mais acolhedor com as entidades não-humanas que participam na ação (que pretende ensamblar novas entidades) e com as associações que se geram entre elas e os humanos. Esse novo conceito é o coletivo. Com esse conceito, Latour deixa de lado o pressuposto que o acontecimento na realidade social é feito principalmente por vínculos humanos e o pressuposto que essa realidade só pode ser explicada pelas forças sociais que externamente incidem na sua dinâmica. Mas também com esse conceito, Latour pretende superar as separações que trouxe o projeto moderno entre natureza e cultura, entre sujeito e objeto. O coletivo refere-se a uma ação realizada por diferentes tipos de forças que se entrecruzam. O coletivo, ao contrário da sociedade, que é um artefato imposto pelo acordo modernista, refere-se às associações de humanos e não-humanos (LATOUR, 2001). O que se tenta superar com o coletivo é o que herdou o conceito de sociedade do projeto moderno, ou seja, as separações e a má distribuição dos poderes, pois ao falar da sociedade está se falando da reunião indiferenciada dos poderes da natureza e da sociedade o que não faz o coletivo, porque embora empregado no singular, é um termo que não remete a uma unidade já feita, mas a um procedimento para coligar as associações entre humanos e não-humanos (LATOUR, 1994).

A dupla humano – não-humano constitui para Latour uma forma de esquivar a dicotomia sujeito-objeto. A separação entre eles que nos deixou a sociologia do social, impede a compreensão do coletivo, que para ele é o intercâmbio de propriedades humanas e não-humanas. O coletivo faz referência à ampliação do tecido social e ao contrário da sociedade (que é segundo ele um artefato imposto pelo pacto moderno), permite reconhecer a construção dessa sociedade nas associações entre humanos e não-humanos.

Assim entendidos, sujeito e objeto não estão separados, pelo contrário, eles se fabricam simultaneamente e crescem juntos; sua união não tem reversa. Nem os artefatos são coisas nem os seres humanos somente se relacionam com eles por meio das representações e projeções simbólicas de suas mentes (por isso, o mundo para Latour não é nem físico nem mental).

A proposta de Latour com suas 'associações', seu 'coletivo', suas 'mediações', é uma resposta ao propósito que teve o pacto moderno ao tentar deixar aos seres humanos afastados do mundo. Para Latour entre o sujeito e o objeto não há oposição nem separação e o mesmo acontece entre sociedade e natureza. Entre uns e outros há 'acontecimentos', transformações, mediações. É com os não-humanos que se faz o mundo. O ser humano nesta perspectiva deixa de ser ele o fabricante único do mundo e o mundo deixa de ser o resultado de sua 'ação', como quis acreditar o pacto moderno. O sujeito cria 'associado' com o objeto e o resultado pode ser incerto e até surpreendente. Os seres humanos não sabem o que fazem porque acreditando ter um controle completo, o resultado do que fazem os supera e por isso, os surpreende. Neste sentido, os seres humanos já não são os criadores do mundo, nem são os descobridores do mundo... os seres humanos 'acontecem' o mundo (assim como Pasteur 'aconteceu' os micróbios e Newton 'aconteceu' a gravidade). Por isso, segundo Latour, o que nos oferece a sociologia das associações é a possibilidade de pôr o ser humano 'com' o mundo por meio de um contato com ele onde já os verbos que acompanham seu andar não são mais descobrir ou contemplar e sim experimentar, viver, acontecer.

Esse todo que é o mundo 'com' nós é o que reúne o coletivo; o coletivo traz a ideia de um mundo comum compartilhado. Por isso, Latour o define como uma expansão da natureza e a sociedade e à sociologia das associações como o reinício do projeto da sociologia do social, cuja tarefa é 're-ensamblar' o coletivo, mas escutando a voz dos atores para que eles se definam a si mesmos e abram seu próprio cosmos.

Considerações finais

A perspectiva de fazer uma apresentação das principais ideias de Norbert Elias e Bruno Latour, neste artigo, surgiu em parte pela esperança de encontrar nas suas propostas algumas respostas, pelo menos diferentes, às que tradicionalmente ofereceu a disciplina na qual me formei (a sociologia) à pergunta pela 'realidade'.

E as encontrei. Mas também novas perguntas me acharam.

Conhecia um pouco mais Elias do que Latour. A experiência de ler os dois em conjunto foi um caminho que me permitiu no encontro acolhedor que teve com o segundo e no re-encontro ressignificado que teve com o primeiro, achar respostas, sim, mas respostas que abrem novas possibilidades e deixam novas perguntas sobre o mundo, sobre os outros, sobre a realidade.

Nesta parte final do trabalho poderia fazer uma comparação entre estes dois autores e tentar identificar suas similitudes e diferenças (que era num princípio o propósito). Mas depois da convivência que tive com eles e enquanto li seus livros e escrevi este artigo, achei que a comparação poderia se tornar uma tarefa injusta e arbitrária com os autores (porque os fecha, os reduz) e que, talvez, seria mais interessante tentar expor as janelas que eles abriram para mim e para minha própria pergunta sobre a realidade.

O pressuposto que os seres humanos somos seres sociais, pressuposto que todo sociólogo carrega na sua forma de conceber qualquer que seja o que ele considere seu 'objeto', adota um novo significado com as propostas de Elias e Latour, muda e se amplia permitindo abrir uma nova compreensão dos outros com a qual se passa de um relacionamento com eles ao um acolhimento deles, um *acontecer* com eles, uma *figuração* com eles.

Com Elias e Latour, é possível seguir compreendendo que não estamos mais sozinhos nem afastados do mundo. Eles ajudam na tarefa de compreender que o mundo não está fora de nós e que tentar deixar fora de nós aos outros, como se nossa pele fosse uma barreira que afasta e diferencia, faz do ato da criação do mundo algo desumanizado, ilusório e sem mistério. Isto é o que se escuta destes autores e como isto vai se mudando a ideia que nos deixaram alguns dos pressupostos da sociologia tradicional: a coisificação dos outros e a coisificação das coisas.

Mas, depois de aprofundar nas propostas destes dois cientistas sociais, a pergunta que tinha sobre a 'realidade' foi substituída pela pergunta pela 'ação'. Tanto na sociologia das figurações quanto na sociologia das associações encontram-se posturas dos autores sobre a ação que no meu modo de ver caracterizam-se pela dissipação do sujeito por um lado, e pela definição de um mundo onde o curso das ações aparece de forma nítida, clara, facilmente identificável, por outro. Com a ideia de rede de interdependência, no caso de Elias, e com a de rede de associações entre humanos e não-humanos, no caso de Latour, o papel que desempenham a trajetória dos sujeitos e a ambivalência e a

indeterminação no fluxo da ação, desaparecem. Nem sujeito, nem contradição, nem ambiguidade, parecem serem importantes ao pensar a ação nas propostas teóricas de nossos dois autores. Mas este é um assunto que fica aberto para seguir aprofundando no que Elias e Latour e outros cientistas contemporâneos têm para nos dizer sobre o mundo que tentamos entender, porque acredito junto com estes autores que, ainda, é possível abrir com a sociologia novas portas que nos ajudem a compreender a realidade de outra forma, para que a história não seja mais um cemitério de sonhos humanos e para poder recuperar a Esperança que ainda está na caixa de Pandora.

Referências

- BAUMAN, Z. **Modernidade e ambivalência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- ELIAS, N. **La sociedad de los individuos**. Ensayos. Barcelona: Ediciones Península, 1990.
- ELIAS, N. **El proceso de la civilización**. Investigaciones sociogenéticas y psicogenéticas. México: Fondo de Cultura Económica, 1997.
- ELIAS, N. **Sociología fundamental**. Barcelona: Gedisa, 1999.
- LATOUR, B. **La esperanza de Pandora**. Ensayos sobre la realidad de los estudios de la ciencia. Barcelona: Gedisa, 2001.
- LATOUR, B. **Jamais fomos modernos**: ensaio de antropologia simétrica. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.
- LATOUR, B. **Reensamblar lo social**. Una introducción a la teoría del actor-red. Buenos Aires: Manantial, 2008.
- MARONI, A. **E por que não?** Tecendo outras possibilidades interpretativas. Aparecida: Idéias & Letras, 2008.
- PÉREZ, H. **Norbert Elias, un sociólogo contemporáneo**. Teoría y método. Bogotá: Fondo de Ediciones Sociológicas, 1998.

Received on November 23, 2010.

Accepted on September 29, 2011.

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.